O BRASIL HOLLANDEZ

Ha mezes, João Ribeiro annunciou uma nova historia do Brasil hollandez por apparecer em breve. Recebemos, ha pouco, esta obra de Hermann Waetjen: O Imperio colonial hollandez no Brasil. Um capitulo da historia da colonisação no seculo 17. Gotha e Haag. 1921.

Para os estudiosos da historia patria a obra é interessantissima a mais de um respeito. A historia exterior da invasão hollandeza não muda essencialmente o quadro desenhado por nossos bons historiadores. Mas completamente novos são o segundo e terceiro livros, cujo indice resumido damos a seguir:

> A situação interna da colonia.—Organisação administrativa e finanças da Nova-Hollanda. A igreja. As gentes brancas e as de cor na região colonial. A economia geral, os productos etc. A luta entre a Companhia das Indias e os negociantes livres no commercio do Brasil. O commercio. A navegação hollandeza ao Brasil.

Nestes livros o autor traz quantas datas pôde encontrar nos montões de actas e cartas conservadas nos archivos da Hollanda.

O autor, professor da Universidade de Heidelberg, começou em 1910 as suas pesquizas nestas actas na Hollanda e, acabando a sua licença antes de findar o seu trabalho, recebeu do ministro hollandez a licença es-

pecial de consultar o resto das actas na bibliotheca da Universidade de Heidelberg, para onde foram ellas remettidas—fasciculo por fasciculo.

Mas o autor desejava ver o paiz, cuja historia queria escrever e, em junho de 1914, embarcou para o Brasil. Voltou em breve, mas no alto mar foi surprehendido pela guerra. Os inglezes o aprisionaram conservando-o prisioneiro até fevereiro de 1918.

Aproveitou Waetjen os annos passados na Inglaterra, para continuar os seus estudos e, voltando á sua terra teve que depor as suas notas nas mãos do seu advogado inglez, pois os prisioneiros libertados nem uma folha escripta podiam levar. Com muitos empenhos obteve emfim a entrega dos manuscriptos pelos fins do anno de 1919. Então pôde metter-se a coordenar todo o seu material. Em 1921 a obra foi impressa.

Na primeira parte veem-se os empenhos de Usselincx para fundar a Companhia das Indias Occidentaes, com ideas adiantadas para o seu tempo. Queria uma colonia segundo os modelos de portuguezes e hespanhões, mas quando após 20 annos de luta a sua idea venceu, foi desvirtuada, pois fundou-se a Companhia só como arma contra a Hespanha. Obrigada de antemão á guerra e dependente do auxilio dos Estados Geraes, a novel Companhia, recebeu junto com o seu attestado de nascimento tambem o de obito.

Em terras occupadas por portuguezes nunca haviam de ser recebidos os neerlandezes como libertadores. Tanto os bahianos como os pernambucanos mostraram-lhes isto claramente, e que o traidor Calabar incidiu em erro julgando que o reino da liberdade havia de começar com a victoria hollandeza, mostra-o bem com as suas datas e estatisticas inexoraveis.

Por mais que defendam a Calabar, os argumentos contra elle estão ainda de pé e será difficil desfazel-os.

Mas sigamos o nosso autor no seu quadro da historia interna da colonia. Até a chegada de Mauricio Nassau, governo e administração da colonia tinham sido provisorios. O commando militar e o governo civil pou-

cas vezes se achavam em boa harmonia. Mauricio recebeu com o titulo de governador o commando de todas as forças militares e a presidencia do Conselho. Com Mauricio taes cautelas eram superfluas, porque as suas qualidades excellentes lhe davam a presidencia em qualquer circulo. Sabia suggerir aos seus conselheiros as suas proprias ideas. Escreve um contemporaneo : «Ainda que só tenha a presidencia do conselho, de facto é o senhor» (1).

O trabalho de Mauricio era organisar a administração e sanear as finanças. Mas diante deste trabalho até as faculdades de Mauricio haviam de falhar. As despezas da guerra foram grandes, mas o desleixo dos primeiros governadores fôra tão grande ou ainda maior. A Companhia, composta do escol de negociantes, lançara no seu livro Razão todos os florins collocados na empreza. Os calculos sobre o assucar estavam muito bem feitos, mas se os engenhos não trabalhavam, não entrava tambem este lucro nos cofres da Companhia.

Esperava a Companhia que Mauricio com o tempo havia de reembolsal-a das despezas feitas. Dous calculos nos manifestam tal esperança. O orçamento de despezas e lucros do anno de 1638 era o seguinte :

DESPEZA

Soldo para 8000 homens (incl. officiaes) Fl.	960.000
Soldos das tropas que já estão no Brasil	480.000
Empregados	144.000
Mauricio e Conselheiros	150.000
500 marinheiros	90.000
Edificios	100.000
Materiaes	100.000
Munição e viveres	200.000
18 náos	602.000
18 hiates	150.000
Outros navios	216.000
Eventuaes	250.000

As despezas sobem a 3.444.500 fl. Aos poucos Mauricio havia de levar os lucros a esta e maior altura ainda. O orçamento dos lucros, que acompanhavam este calculo, não podia elle alcançal-o. Temos duas listas :

	I	II
Imposto de 12000 caixas	1.589.360	1.269.000
Sisas	300.000	300.000
Imposto de pau-brasil, fumo, couros	250 000	150.000
Lucro da venda de escravos	250.000	250.000
Importação e exportação	400.000	200.000

A segunda lista foi feita por um pratico da missão, que conhecia os canaes lateraes, que levavam parte deste dinheiro a destinos não officiaes.

Mauricio fez quanto a prudencia humana podia aconselhar. Em augmentar os impostos fez quanto se podia fazer. Nas arrematações, feitas como o eram no Brasil, alcançou sommas bastante elevadas. O artigo principal, o assucar, occupava nos lucros o primeiro logar. Waetjen dá a lista das arrematações do assucar nas varias capitanias numa serie de annos :

Anno	Pernambuco	Itamaracá	Parahyba
1638	148.000	19.000	54.000
1639	128.000	20.000	31.000
1640	?		
1641	154.000	26.000	51.000
1642	128.000	27.500	55.500
1643	113.500	21.000	42.500
1644	105.000	21.800	39.000
1645	74 000	21.400	34.000

Más colheitas e as invasões dos portuguezes nos cannaviaes dos plantadores desfaziam todos os calculos; em 1639 a falta de moeda corrente preparou uma crise, que em 1643 levou muitos hollandezes ao desespero. A liberalidade esplendida do principe contribuiu para isto, mas elle teria achado os meios de vencer taes difficuldades se continuasse no governo.

As dividas dos fazendeiros tinham crescido a mais de 5 milhões de florins e Mauricio aconselhava ter paciencia, entendendo que, por causas alheias á vontade delles, não podiam diminuil-as.

Em lugar disso, a Companhia julgou avisado remover a Mauricio do governo e organisar este mais de conformidade com o ponto de vista do «Deve e Haver». E' pena que Calabar não chegasse a ver esta «Liberdade», que os invasores, segundo o seu parecer, queriam dar ao Brasil. Um dos mais ricos portuguezes, Jorge Homem Pinto, senhor de 370 escravos e de 1000 bois, confessou ter dividas no valor de 937.977,13 florins. Propôz como unico meio de salvar algo uma nova concordata, que foi acceita pelo governo de Recife.

O novo governo ordenou que os devedores remissos da colonia pagassem até ao ultimo ceitil o que estavam devendo. Mas havia ainda outras cousas que, já antes de irromperem estas miserias, demasiadamente sensiveis, pesavam aos brasileiros. Todos elles, com a unica excepção de Calabar, tinham da liberdade conceito divergente do dos hollandezes. Não faltára na conquista a promessa solemne do livre exercicio da religião catholica. Os primeiros pregadores que entraram no Brasil começaram a cruzada contra a Igreja catholica : sacerdotes e monges eram amaldiçoados dos pulpitos; a Igreja catholica era a peste. Jesuitas e Franciscanos foram mandados presos para Amsterdam. Nas primeiras reuniões da igreja reformada fizeram propostas que condiziam bem com o inicio praticado, mas Mauricio logo lhes cortou as azas : queria o respeito pela religião catholica e nada para converter os catholicos em calvinistas.

Tinham os ministros calvinistas outro campo para o seu trabalho : tantos indios e negros por converter ao christianismo. Alguns delles se dedicaram a este serviço, mas parece que este zelo esporadico não produziu grandes fructos.

A Companhia e, mais ainda, os pregadores não se contentavam com a disposição do principe, e fizeram sempre novas tentativas, porem Mauricio não cedeu. Apenas, entretanto, tinha elle sahido de Recife, começou a intolerancia a supprir o que o principe não concedera. «Segundo as actas não pode haver duvida de que o demasiado zelo dos pregadores ajudou a preparar a atmosphera, que levou á explosão na revolução» (1).

Mas acabou de repente este fervor religioso, ao rebentar da revolução, pois todos os pregadores se retiraram logo para o Recife e—Hollanda. Desde modo a igreja de Calvino no Brasil hollandez viu um episodio de sua historia de que não se ha de gabar muito, principalmente ainda porque os pregadores que corresponderam á sua tarefa constituem um numero muito mesquinho.

Fez a Companhia grandes esforços para attrahir á colonia elementos prestaveis ao progresso do paiz ? A maior parte da gente que embarcava vinha para melhorar de vida, mas sem dinheiro. Na colonia, porém, queriam homens com capitaes para poderem comprar negros e produzir assucar. São innumeras as queixas sobre esta classe que não queria trabalhar nas fazendas e augmentava o lastro das cidades. Immoralidade e crimes não eram poucos, favorecidos ainda mais pelas ruins habitações e mesmo por sua falta.

A convivencia de portuguezes e extrangeiros conservou-se sempre artificial. Mauricio mesmo entendia que aquelles não estavam conciliados e que esperavam até só o momento propicio para sacudir o jugo.

Seguem-se os capitulos sobre a vida economica da

(1)—Waetjen. pag. 229.

colonia. O producto principal era o assucar. Na sua preparação seguiam os hollandezes os costumes brasileiros, engenhos movimentados ou por agua ou por bois. Quanto a este ponto, a Companhia não trouxe nenhum progresso. A difficuldade, porem, que trouxe estava no fazer as colheitas. Os portuguezes faziam aos engenhos dos hollandezes quanto mal podiam. Muitas vezes os cannaviaes eram incendiados. Mauricio aconselhou dividir os campos por meio de fossos, para lhes salvar, ao menos, partes da colheita, no caso d'um incendio. A isto ajuntou-se a grande diminuição de engenhos, que só o tino de Mauricio soube elevar ao antigo numero. Sobreveiu ainda outra crise pela lucta entre a Companhia e os negociantes livres. Uns e outros tinham os seus advogados. A Companhia sustentou por muito tempo os seus privilegios, mas por conselho de Mauricio cedeu afinal. Os colonos pouquissimo melhoraram com a liberdade, porque os preços exigidos pelos negociantes eram phantasticos. De outro lado, os impostos da Companhia eram elevados. O autor dá-nos a conhecer uma factura de assucar de 1644. Por 26 caixas de assucar com 308 arrobas de assucar branco e 224 de mascavado, no valor de 2190,18 florins pagaram de imposto, frete e mais despezas de despacho 696,3 florins.

O correlato dos impostos elevados são sempre o contrabando e a fraude Escreveu um hollandez: «No commercio do Brasil as fraudes e os roubos são tamanhos que um augmento delles é impossivel. Negociantes, emprezarios de transporte, marinheiros, pilotos, grumetes, mestres de botes roubam e levam tudo em que podem pôr mãos. Os maiores velhacos, porem, são os commerciantes e os emprezarios. O que querem unicamente é defraudar a Companhia» (2).

Tentaram os hollandezes o commercio com os indigenas para obter os productos do Brasil e, vendo o pouco resultado, experimentaram trocar artigos com os

(2)—Ibid. pag. 302.

portuguezes. Mathias de Albuquerque prohibiu este commercio clandestino sob pena de morte. De noite levavam os hollandezes os seus artigos a uma ilha, davam aos portuguezes um signal e voltavam na noite seguinte para buscar a troca Os portuguezes aproveitavam estas occasiões não poucas vezes para ciladas.

Não bastavam todas estas tentativas para sustentar os invasores e a principal carga da Hollanda era assim forçadamente a de viveres. E nunca bastavam. Por isso a vida para os hollandezes era carissima e miseravel. Bastava que se demorassem os navios ou que se previsse uma má colheita e os viveres subiam de preços, de modo que só os ricaços podiam compral-os.

Refugos de fazendas, que na Hollanda não achavam comprador, vinham para o Brasil. A's vezes eram tão máos que aqui tiveram a mesma sorte. Materiaes para construcções faltavam de todo. Os navios traziam cal, tijolos e pedras, traves, postes, pregos e telhas e até o material para as fortificações e trincheiras.

Negocio rendoso fizeram os hollandezes com a venda de negros. Logo no principio da occupação tinham tomado os principaes pontos na costa da Africa. Deste modo o lucro todo ficava para a Companhia. A tabella do autor sobre vendas de negros apresenta os seguintes algarismos.

Anno	Numero de negros	Preço
1636	1.031	167.366.4
1637	1.580	384.580.14
1638	1.711	747.663.12
1639	1.802	870.288.4
1640	1.188	399.159.8
1641	1.437	618.127,12
1642	2.312	1.051.166
1643	3.948	972.252.16
1644	5.565	862.725.4
1645	2.589	641.094.18

Com a revolução parou a venda de negros em Pernambuco, mas a Companhia mandou os seus negreiros ás Antilhas, para vender sua carga.

As ultimas paginas do livro dão tabellas completas da exportação dos importantes artigos, compostas do material riquissimo conservado sobre este assumpto. Só pela publicação destas tabellas merece o autor agradecimentos de todos os historiadores do nosso paiz.

O Livro demonstra com evidencia que as linhas principaes da historia da invasão estão firmes, conforme as traçaram os nossos historiadores. Está firme tambem o seu modo de julgal-a, no seu valor. Ninguem na Hollanda lhe attribuiu, jamais, o valor de dar a felicidade a este trecho de terra e a seus habitantes. E como os pernambucanos a lastimavam como a maior miseria que podia cahir sobre elles, assim tambem em nossos tempos pode ser bom brasileiro quem affirma o mesmo que elles affirmaram.

Mas é verdade, esta ultima moda não foi inventada pela historia, sim pela rhetorica. E a sua defeza está em artes que não tem absolutamente nada com a historia. Argumentos dignos do historiador não apparecem. E as artes empregadas, ás vezes, não carecem de certa dose de comica. Escreve alguem :

«Tres especies de historiadores procuram ensombrar o perfil desse varão (Calabar), apagando-lhe as linhas exactas da personalidade :

1) Os que de qualquer maneira dependem da Coroa a quem não pode convir a exaltação de um brasileiro;

2) Os que por serem aulicos da Casa de Bragança representada no Brasil por Pedro II, necessitam diminuir o heróe que propagava doutrinas anti-monarchicas;

3) Os catholicos, fazendo resaltar em proveito dos dogmas religiosos os ultimos momentos do sacrificado diante de um frade».

Esta passagem lembra-me a introducção, que um professor afamado dava invariavelmente ás sua prele-

cções: Meus Senhores. Só ha tres philosophos: Aristoteles, Kant e o terceiro minha modestia me impede de lhe pronunciar o nome». Na resenha emcima o numero 4) entende-se facilmente.

As intenções do fundador da Companhia das Indias Occidentaes foram claramente expostas na proposta apresentada em abril de 1623 ao principe de Orange, um dos seus principaes favorecedores, pois aspirava a dominios mais vastos. Fala em primeiro lugar na facilidade da conquista. Caracteristico para o tempo é a razão allegada pela justiça da empreza: o rei de Hespanha tomára injustamente Portugal ao seu rei, «sobejo motivo para que a justiça divina assistisse á empreza». Ampatada seria a causa com a oração dos crentes, de modo a produzir damno á Hespanha e vantagem á Neerlandia.

Determina-se depois o plano: «o paiz tinha de ser saqueado; confiscadas as mercadorias, navios, munições de guerra e productos agricolas, o povo—que contava muitas pessoas notaveis—seria sujeito a um imposto de capitação; os soldados e marinheiros obteriam boas prezas, tanto em dinheiro de contado, joias, prataria, roupa de preço e fazendas, como em outras cousas; com a cessão voluntaria destes despojos a Companhia das Indias Occidentaes ganharia tamanha reputação que, em todo tempo, poderia obter toda a gente de que occasionalmente houvesse necessidade» (1).

Confirma isto o historiador da Companhia que começa os seus Annaes com estas palavras: Entre as acções illustres, que este Estado das Provincias Unidas tem praticado em nossos dias, com o fim de manter a verdadeira Religião, e defender a nossa liberdade contra o rei da Hespanha, nos pareceram mais dignos de nota os feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes, a qual, sem acarretar grandes despezas á

(1) Alfredo de Carvalho, Industria e Commercio assucareiro do Brasil Neerlandez, em Rev. do Inst. Archeol. v. XVII, pag. 103.

Republica, dispondo das poucas forças que lhe proporcionavam as contribuições de um pequeno numero de cidadãos deste Estado, sahiu-se tão bem com o seu intento, que abateu o orgulho da Hespanha, e causou assombro ao mundo inteiro; e claramente se mostrou como se podia offender este poderoso inimigo com as proprias armas delle, tomando ou inutilisando as suas proprias riquezas da America, com as quaes, por dilatados annos, elle tem vexado e trazido em continuo desassocego a toda a christandade» (1).

E' isto que a Companhia quer fazer em pról do paiz. O lucro principal está no valor das mercadorias aprezadas e mais tarde no commercio regular. A importancia deste ponto é demonstrada pelas seguintes tabellas:

Do Brasil podem ser annualmente exportadas 60.000 caixas de assucar de 500 libras, sendo:

1/3 branco, a 12 soldos a libra, preço de compra	2.000 000	florins
1/3 mascavado, a 8 s. a libra, preço de compra	1.000.000	»
1/3 panellas, a 2 s. a libra, preço de compra	500.000	»
Preço de compra de 60.000 caixas	3.500.000	»
Frete e despezas do Brasil a Amsterdam a 12 fl. a c.	720.000	»
Preço posto em Amsterdam	4.220.000	»

O preço de venda em Amsterdam:

Branco, a 18 soldos a libra	4.000.000	florins
Mascavado, a 12 s. a libra	3.000.000	»
Panellas, a 8 s. a libra	2.000.000	»
	9.000.000	»
Lucro	4.780.000	florins

O preço de compra paga-se em

productos da Hollanda como lucro de 30 %	1.000.000	florins
Deste modo o lucro annual, proveniente da industria assucareira, foi calculado em	5.780.000	» (1)
Ajuntamos outro calculo da mesma proposta :		
(Schilling flamengo=6 soldos)		
Um Engenho produz 300 caixas 200 c. de branco=4400 arrobas a 18 Schillings (13)	23.760	florins
100 caixas de mascavado=2200 arrobas a 13 Schillings	8.580	»
Renda bruta	32.340	»
Despezas :		
Gratificação ao «mestre de engenho» por 300 c. a 8 fl.	2.400	»
Custo de 300 caixas a 8 fl.	2.400	»
15 empregados, entre feitores e artifices, com ordenado medio annual de 600 fl.	9.000	»
Conservação das machinas e pertences	2.000	»
Despeza de transporte até ao Recife, sem contar os animaes, carros, escravos e barcos do proprio engenho a 5 fl.	1.500	»
16 escravos que morriam annualmente, a 100 fl.	1.600	»
Subsidio ao capellão	1.000	»

(1) Joannes de Laet, Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes. Annaes da Bibliotheca Nacional. V. 30, 1908, pag. 33.

(2) Rev. cit. pag. 103-4.

Juros do custo de 160 escravos a 100 a 10% annuaes	1.600	»
Juros do custo de 60 cabeças de gado, a 300 fl., a 10% annuaes	1.800	»
Total	23.300	

O saldo de 9.040 fl. está ainda sujeito ao dizimo e de 1 1/2 % de pensões ou 11 1/2 % que aliás dava á mesma Companhia um proveito de 5.320 fl., sobre 32.340 fl. além do lucro liquido de 5.320 fl. (1).

Estes dados, plenamente confirmados pelo desenvolvimento historico da invasão hollandeza justificam o juizo severo pronunciado por A. Tavares de Lyra : «As suas (dos Hollandezes) aggressões visavam exclusivamente proventos materiaes immediatos; mas tanto se esforçaram para dissimular hypocritamente os seus fins que ainda hoje ha escriptores nossos que lhes emprestam intuitos elevados, attribuindo a sua acção a um problematico amor á liberdade de commercio. Nada mais irritante e injusto, pois essa bandeira, que desfraldaram quando outros eram os senhores da terra, desappareceu logo que a occuparam, para dar logar aos mesmos processos que condemnavam, levados a extremos vexatorios que ainda não haviam tido» (2).

Ao mesmo resultado chegou outro autor pelo estudo das operaçóes militares. «Acabamos de formular a mesma verdadeira expressão para significar a mera exploração commercial, ajudada pelo braço do soldado, que era a quanto se cingia o dominio hollandez no Brasil . . .

Não cremos que isso possa ser classificado em qualquer genero de civilisação aproveitavel ao Brasil, por-

(1) Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pernamb. XVII, 110-111.

(2) Rev. do Inst. Hist. Bras. Tomo especial c. ao 1.º Congresso de Historia Nacional v. I pag. 441.

quanto, apparecendo o regimen militar como legitimo para a defeza dos povos, torna-se essencialmente odioso quando destinado a sua oppresão social e politica» (1).

J. B. Hafkemeyer S. J.

(1) L. c. v. V. pag. 46-7. Compare com estes juizo os que diz Osorio Duque Estrada, Historia do Brasil, pag.29.